



**Papel e Poder:
entre a obediência e a resistência impressa no regime nazista**

Paper and Power: between obedience and resistance printed in the nazi regime

Andressa Sendon Gomes¹

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir os usos da mídia impressa durante o regime nazista. Para isso, foram consultados vários arquivos e utilizados estudos prévios através de revisão bibliográfica como parte da metodologia. Como resultado, constatou-se que a mídia impressa hegemônica foi essencial na formação de uma opinião pública favorável ao regime nazista. No entanto, os impressos de resistência também se mostraram hábeis em disseminar informações e reafirmar a existência e a memória dos grupos perseguidos e oprimidos.

Palavras-chave: História; Mídia; Impresso; Nazismo; Resistência.

Abstract: The aim of this article is to discuss the uses of print media during the Nazi regime. To this end, various archives were consulted and previous studies through literature review were used as part of the methodology. As a result, it was found that hegemonic print media was essential in shaping public opinion favorable to the Nazi regime. However, resistance prints also proved adept at disseminating information and reaffirming the existence and memory of persecuted and oppressed groups.

Keywords: History; Media; Print; Nazism; Resistance.

¹ Estudante de Graduação 4º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).
E-mail: andressagomesufrj@gmail.com



Introdução

O governo nazista, durante seu tempo no poder, contou com o apoio de grande parte da população alemã. Hitler e os líderes do Partido Nazista usaram os meios de comunicação para disseminar pensamentos preconceituosos e influenciar uma parcela da sociedade. Para isso, o regime investiu em um amplo aparato propagandístico, incluindo tanto a tradicional mídia impressa quanto meios mais modernos, como o rádio e o cinema. Goebbels, Ministro da Propaganda, via o rádio como um veículo ideal para a rápida e vibrante difusão dos ideais nazistas (Abreu; Golin, 2006, p. 76). O cinema também foi utilizado para representar os inimigos do povo alemão, retratando judeus, russos e ingleses de forma pejorativa (Pereira, 2005).

Entre as mídias, a imprensa se destacou na Alemanha nazista, especialmente em um contexto de pobreza e falta de acesso a meios audiovisuais. Cartazes e jornais diários serviram como suporte para divulgar a ideologia nazista, criando imagens distorcidas da realidade e promovendo valores como a defesa da pátria e da família tradicional. Este estudo pretende analisar brevemente, através de revisão bibliográfica, como a mídia impressa se tornou uma ferramenta de poder para o regime nazista.

Ao estudar o nazismo, pesquisadores geralmente focam nos atos do grupo hegemônico e, muitas vezes, desconsideram a resistência das vítimas de Hitler. Isso leva ao senso comum de que não houve resistência significativa por parte das minorias reprimidas. No entanto, o historiador Roney Cytrynowicz (1990) argumenta que todas as formas de sobrevivência dessas minorias devem ser vistas como resistência, dado que muitos, como os judeus, já estavam marcados para a morte. Assim, o conceito de resistência abrange desde a organização de grupos armados até a manutenção de uma vida intelectual.

Este artigo busca analisar o papel da mídia impressa durante o regime nazista (1933-1945), não apenas sob a ótica do grupo dominante, mas também como um meio de resistência usado pelas minorias. O estudo foi elaborado com base em pesquisa bibliográfica e busca em acervos digitais de instituições, como a Biblioteca Wiener e a Biblioteca Nacional Alemã. O objetivo é mostrar como o Partido Nazista utilizou a mídia impressa, mas também como esse meio foi utilizado pela resistência anti-nazista.



O estudo pretende expor à academia e ao público as formas como grupos minoritários resistiram ao nazismo por meio do papel. Diários, panfletos clandestinos e *tarnschriften* representam tentativas de expressar sua própria existência. Sobre o tema, o sociólogo Michael Pollak destaca que “ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias”, a história passa a ressaltar a importância de memórias subterrâneas. Essas memórias, como parte das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial”, ou seja, à memória nacional (Pollak, 1989, p.2).

1. Impressos nazistas

Os jornais e revistas eram os meios de comunicação mais comuns no início do século XX. A fabricação em larga escala dos periódicos ocasionou a redução dos preços e a sua consequente popularização. O governo nazista, então, apoderou-se da credibilidade da mídia impressa para instaurar um clima de controle e censura na época. Assim que o Partido Nazista conquistou o poder, veículos considerados contrários ao regime foram impedidos de circular, resultando em um crescimento dos jornais pró-nazistas e de propagandas de apoio ao novo governo (Liebel, 2006, p. 101).

O primeiro jornal nazista a ser veiculado foi o *Völkischer Beobachter* (“Observador Popular”). Começou a ser comercializado em 1920 como semanário, e tornou-se diário matutino em 1923. Após um breve hiato devido ao *Putsch* de Munique², o jornal voltou a circular em 1925, apoiando Hitler e o NSDAP. (Snyder, 1994, p. 362). Antes de o partido chegar ao poder, o líder nazista publicou edições especiais que alertavam a população sobre as consequências a serem enfrentadas caso o Partido Comunista vencesse as eleições (Snyder, 1994, p. 363). Com a vitória do Partido Nazista e o início da Segunda Guerra, era tarefa do jornal relatar as vitórias (sempre brilhantes) das tropas alemãs, com manchetes sensacionalistas que exaltavam o Führer e os ideais nazistas. Quando Hitler começou a fracassar nas batalhas, ampliou-se esse apoio incondicional, enfatizando-se sempre vitórias espetaculares, como forma

² O Putsch de Munique, também conhecido como “Putsch da Cervejaria”, foi um golpe de Estado fracassado realizado pelo Partido Nazista, em Novembro de 1923. Veja mais em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/hitler-comes-to-power>. Acesso em: 22 fev. 2024.



de manter a moral do povo alemão. Mas, assim como o Terceiro Reich, também o *Völkischer Beobachter* chegou ao fim em 1945 (Snyder, 1994, 363).

Figura 1. Primeira página do jornal *Völkischer Beobachter* publicado em 10 de Novembro de 1939



Fonte: Museu Histórico Alemão (Berlim) / *Lebendiges Museum Online (LeMO)*³

Embora o *Völkischer Beobachter* suprisse as necessidades de transmitir informações do regime ao povo, Goebbels, o futuro Ministro da Propaganda, considerava estratégico se queixar de situações enfrentadas pela Alemanha. Dessa forma, em 1927, Goebbels fundou o *Der Angriff* (“O Ataque”). Sobre o assunto, Louis L. Snyder, comenta

Ele (Goebbels) considerava o nome, O Ataque, como uma propaganda efetiva e como “cobrindo tudo o que pretendemos”. O subtítulo era “Para os Oprimidos contra os Opressores”. Goebbels reservou a coluna da direita da primeira página para um artigo curto e sensacionalista, assinado como “Dr. G.” (Snyder, 1994, p. 7) (tradução nossa).

O *Der Angriff* não alcançou o sucesso e a credibilidade do jornal principal do Partido. Mesmo assim, circulava diariamente à tarde, publicando tudo o que pudesse atrair os olhares da população, sempre sensacionalista e com comentários violentos. Para Snyder (1994, p. 7), o *Der Angriff* “era mais um panfleto polêmico do que um jornal, e serviu principalmente como meio para as queixas de Goebbels” (tradução nossa).

³ Disponível em: <https://www.dhm.de/lemo/bestand/objekt/20024923>. Acesso em: 23 fev. 2024.



Figura 2. Primeira página do jornal *Der Angriff* publicado em 28 de setembro de 1940



Fonte: Museu Histórico Alemão (Berlim) / *Lebendiges Museum Online (LeMO)*⁴

Os jornais pró-nazistas tiveram um papel estratégico na formação de parte da opinião pública alemã. Grande parte deles destacava as ações do exército nazista, incentivava o desprezo ao povo judeu e a incitava a denúncia de possíveis infratores do regime. Os textos eram narrativamente hiperbólicos. A denúncia daqueles contrários ao governo tornou-se um hábito comum entre os apoiadores do nazismo (Liebel, 2006, p. 56).

A mídia impressa nazista foi fundamental para que o Partido conseguisse atingir seu objetivo último: a tomada do poder. Esses jornais provocaram uma representação distorcida da realidade, convencendo parte dos alemães a se verem como superiores e a enxergar Hitler não apenas como líder, mas como o mito do Salvador da Pátria (Girardet, 1987)⁵. Enquanto isso, o ódio às minorias, como judeus e comunistas, era cada vez mais disseminado.

Além da distribuição em massa dos jornais nazistas, que auxiliou a construir ideologia do partido, o Terceiro Reich também investiu em propaganda através de cartazes. Eles eram afixados nas paredes e muros, muitos com cores chamativas e frases curtas e fáceis de entender. Muitos cartazes eram de cunho antisemita, já que os nazistas consideravam os judeus como os principais inimigos da Alemanha. Sobre o assunto, Paula Diehl escreve:

É importante ressaltar que o nazismo sempre se posicionou contra toda e qualquer minoria, fosse ela a dos homossexuais, deficientes físicos ou de

⁴ Disponível em: <https://www.dhm.de/lemo/bestand/objekt/der-angriff-zur-unterzeichnung-des-dreimaechtepaktes-1940.html>. Acesso em: 23 fev. 2024.

⁵ No seu livro **Mitos e Mitologias Políticas**, Raoul Girardet descreve as principais características dos mitos e mitologias políticas, inclusive aquelas direcionadas para a produção de líderes, destacando entre eles o “salvador da pátria”.



grupos étnicos ou “raciais”, porém, nenhuma delas sofreu um ódio tão virulento quanto aquele destinado aos judeus” (Diehl, 1996, p. 47).

Os cartazes nazistas ressaltavam os judeus com traços maléficos e caricaturados. Em alguns casos, os associavam ao comunismo e os acusavam de conspirar para o início da guerra. Muitos pôsteres incentivavam os alemães a boicotarem lojas e empresas judaicas. O cartaz abaixo destaca esses pontos e provoca a união ilusória entre os judeus e os Aliados.

Figura 3. Propaganda nazista antijudaica datada cerca de 1942, que expõe: “atrás dos poderes do inimigo: o Judeu”



Fonte: *Holocaust Encyclopedia*⁶

Além disso, a propaganda nazista por meio de cartazes visava a comunicação direta com as massas, provocando sentimentos de superioridade e pertencimento. Muitos pôsteres incitavam o povo alemão a lutar pela pátria, seguir os valores morais do nazismo e transmitir esses princípios à família. O pôster abaixo, de 1945, momento em que a Alemanha enfrentava seguidas derrotas na guerra, expõe uma família alemã pronta para lutar. Era fundamental reforçar a ideia da necessidade de lutar até o fim, criando um sentimento de honra pelo país.

⁶ Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/photo/nazi-anti-jewish-propaganda>. Acesso em: 27 fev. 2024



Figura 4. Propaganda nazista datada cerca de 1945, que expõe: “Frankfurt, a cidade da linha de frente, será mantida por nós!”



Fonte: *Holocaust Encyclopedia*/Instituto de História Urbana de Frankfurt⁷

As imagens impressas nazistas também procuravam especificar os papéis sociais de cada indivíduo, principalmente no contexto familiar. Valores morais como a reprodução e a maternidade ganhavam destaque frequente nas imagens e nos textos dos cartazes. Para Hitler, a formação de um grande império nazista envolvia gerar indivíduos “puros”. A capa abaixo, publicada na revista *Neues Volk* (em tradução livre, “Novo Povo”), idealiza a maternidade e reforça a questão do povo “ariano” ao mostrar uma mãe carregando o futuro da nação.

Figura 5. Propaganda nazista sobre raça datada de setembro de 1937



Fonte: *Holocaust Encyclopedia* / Biblioteca do Congresso (EUA)⁸

⁷ Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/photo/1945-nazi-propaganda-poster>. Acesso em: 27 fev. 2024

⁸ Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/photo/nazi-propaganda-ideal-of-motherhood>. Acesso em: 27 fev. 2024



As propagandas nazistas integravam o aparato midiático do regime, mediando a comunicação entre o que era dito pelos ideólogos até chegarem ao público. No cenário do nazismo, as propagandas alcançaram um patamar de comunicação massiva, inserindo as visões de Hitler e do NSDAP na arena política e popular (Liebel, 2006, p. 24).

Em síntese, a propaganda nazista, em especial através de cartazes e capas de revistas, buscava criar uma sociedade alinhada com os preceitos do partido, desde a construção de um ódio generalizado ao povo judeu e outras minorias até o sentimento de lealdade ao Terceiro Reich. Para isso, manipulavam as sensações mais profundas do povo alemão e utilizavam métodos de persuasão para aproximar o Partido das massas.

2. O outro lado da história

Durante o período em que esteve no poder, o Partido Nazista aplicou severas medidas de censura e repressão sobre os meios de comunicação, especialmente os judaicos. Cytrynowicz (1990) afirma que os judeus foram proibidos de possuir telefones, comprar jornais/revistas, e até de utilizar os telefones públicos. Entretanto, essas restrições não impediram a disseminação de informações. Durante o período em que o nazismo esteve no poder, as formas de se comunicar – e resistir – através da escrita e das imagens permitiram que as populações oprimidas registrassem sua própria história e existência.

Os meios de comunicação utilizados pela resistência anti-nazista eram diversos. Durante a guerra, panfletos expondo as atrocidades nazistas eram distribuídos clandestinamente⁹. Livros que simulavam histórias de ficção na capa e continham conteúdos pró-resistência escondidos também circularam no território. Diários de judeus e indivíduos perseguidos pelo partido foram utilizados como forma de registro e hoje fazem parte da documentação histórica do período. A Biblioteca Wiener (*The Wiener Holocaust Library*) conta com esses e outros exemplos de materiais impressos utilizados pelos grupos reprimidos pelo Partido Nazista, e alguns serão

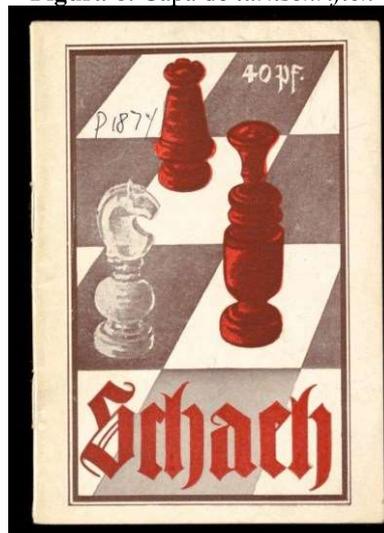
⁹ Como foi o caso do grupo da Rosa Branca, que atuou entre 1942 e 1943 distribuindo panfletos que incentivavam a resistência ao Partido Nazista. Mais informações: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/resistance-inside-germany>. Acesso em: 19 ago. 2024.



utilizados como material empírico de estudo neste artigo. Entre os conteúdos, encontram-se panfletos, diários, e os *tarnschriften*.¹⁰

Os *tarnschriften* eram um tipo de literatura subversiva com capas falsas, contendo conteúdos antinazista e comunista. O Partido Comunista Alemão foi o principal produtor dos *tarnschriften*, mas a maioria não tinha um produtor declarado, a fim de evitar perseguições¹¹. O livreto a seguir é um exemplo de *tarnschriften*, em que a capa diz ser um guia prático para jogar xadrez, mas a partir da sexta página, ele se torna uma cópia da primeira edição do Comintern. Por mais que o guia prático de xadrez seja datado de 1914, sua impressão real como *tarnschriften* ocorreu em 1939.

Figura 6. Capa do *tarnschriften*



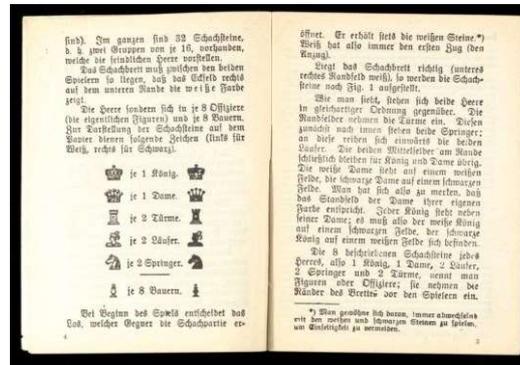
Fonte: *The Wiener Holocaust Library*¹²

Figura 7. Parte do manual de xadrez do *tarnschriften*

¹⁰ Localizada em Londres, na Inglaterra, a Biblioteca de Wiener conta com um dos principais e maiores acervos de documentos sobre o Holocausto, o Nazismo e o genocídio. Em 2021, a biblioteca realizou um projeto para digitalizar todo o acervo de conteúdos descritos como *tarnschriften* (traduzido livremente como “fontes de camuflagem”).

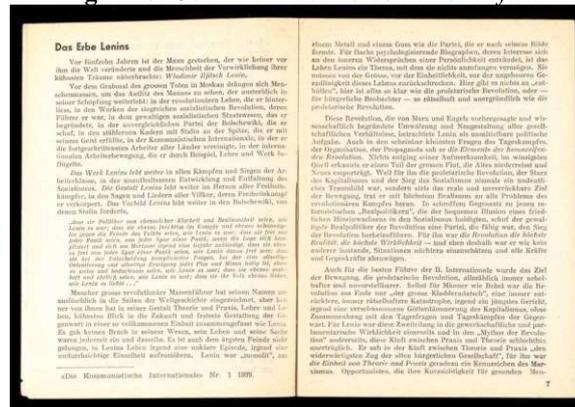
¹¹ Mais informações disponíveis em: <https://wienerholocaustlibrary.org/2021/09/10/rare-anti-nazi-resistance-pamphlets-at-the-library/>. Acesso em: 19 ago. 2024.

¹² Figuras 6, 7 e 8 disponíveis em: <https://wienerholocaustlibrary.org/exhibition/tarnschriften-covert-resistance-in-the-third-reich/>. Acesso em: 19 ago. 2024.



Fonte: *The Wiener Holocaust Library*

Figura 8. Comintern dentro do *tarnschriften*



Fonte: *The Wiener Holocaust Library*

Outro exemplo de *tarnschriften* é um pacote de sementes de tomate, que reproduzimos a seguir. Dentro do envelope, ao invés de sementes, havia um panfleto escrito por Gustav Regler, escritor alemão e comunista. O panfleto foi produzido durante a vigência do Partido Nazista (1933-1945)¹³.

Figura 9. *Tarnschriften* de pacote de sementes

¹³ Mais informações: <https://wienerholocaustlibrary.org/2021/09/10/rare-anti-nazi-resistance-pamphlets-at-the-library/>. Acesso em 19 ago. 2024



Fonte: *The Wiener Holocaust Library*¹⁴

Figura 10. Escritos comunistas dentro do *tarnschriften*



Fonte: Londonist¹⁵

Entre os arquivos analisados, encontram-se diários pessoais que expõem a rotina de indivíduos vítimas do nazismo. O diário de Anne Frank é um dos relatos mais conhecidos, mas outras figuras também se esforçaram para contar suas histórias. Entre elas, Esther Pauline Lloyd, uma judia inglesa nascida em 1906. Em 1943, Esther foi deportada para a França e Alemanha, onde escreveu sobre seu cotidiano nos campos de concentração de Compiègne e Biberach¹⁶. Após uma campanha extraordinária para conseguir ser repatriada para Jersey, em 1944, Esther Lloyd sobreviveu à guerra e seu diário pode ser lido na biblioteca.

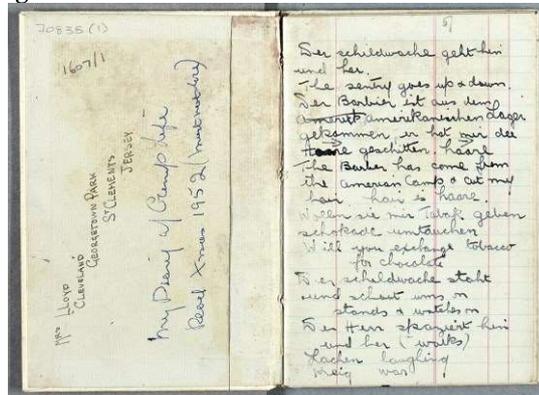
¹⁴ Disponível em: <https://wienerholocaustlibrary.org/object/57747/>. Acesso em: 13 mar. 2024.

¹⁵ Disponível em: <https://londonist.com/london/features/wiener-holocaust-library-anti-fascist-russell-square-visit>. Acesso em: 19 ago. 2024.

¹⁶ Disponível em: <https://wienerholocaustlibrary.org/object/1607/>. Acesso em: 19 ago. 2024.



Figura 11. Escritos do diário de Esther Pauline Lloyd



Fonte: *The Wiener Holocaust Library*¹⁷

Figura 12. Esther Pauline Lloyd



Fonte: *The Wiener Holocaust Library*¹⁸

A comunicação escrita também foi uma ferramenta de contato entre familiares durante a perseguição nazista. Entre esses arquivos, estão cartas de despedida a entes próximos, que hoje são consideradas objetos de resistência e memória de quem lutou pela liberdade coletiva. Uma dessas cartas é de Olga Bancic, uma judia romena aliada à resistência comunista, que se despede de sua filha Dolores, de 4 anos. Após escrever, Olga jogou a carta pela janela anexando

¹⁷ Disponível em: <https://wienerholocaustlibrary.org/object/1607/>. Acesso em: 19 ago. 2024.

¹⁸ Disponível em: <https://www.frankfallaarchive.org/educational-materials/esther-pauline-lloyd/>. Acesso em: 22 ago. 2024.



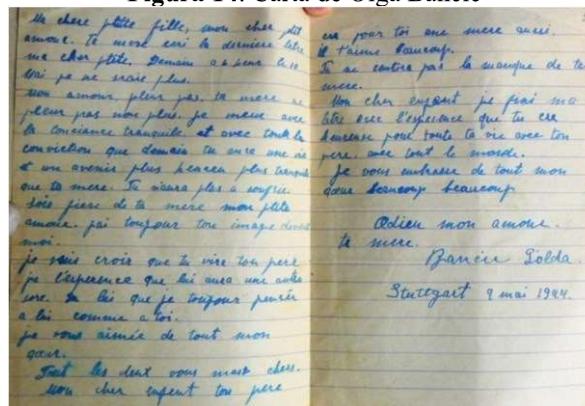
um pedido para que fosse entregue à filha após o fim da guerra. Olga Bancic foi decapitada em 10 de Maio de 1944, no seu 32º aniversário¹⁹.

Figura 13. Olga Bancic e Dolores



Fonte: *Taylor and Francis Online*²⁰

Figura 14. Carta de Olga Bancic



Fonte: *Taylor and Francis Online*

Tradução nossa: “Minha querida filhinha, meu amorzinho querido. Sua mãe está escrevendo a última carta, minha filhinha; amanhã às seis horas, no dia 10 de Maio, não estarei mais aqui. Não chore, meu amor; sua mãe também não irá chorar mais. Eu morro com a consciência em paz e com a firme convicção de que amanhã você terá uma vida e um futuro mais felizes do que sua mãe. Você não terá que sofrer mais. Se orgulhe da sua mãe, meu amorzinho... Eu te beijo com todo meu coração, muito e muito. Adeus, meu amor. Sua mãe.”

¹⁹ Mais informações: <https://wienerholocaustlibrary.org/exhibition/jewish-resistance-to-the-holocaust-2/>. Acesso em: 22 ago. 2024.

²⁰ Figuras 13 e 14 disponíveis em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09612025.2022.2088089>. Acesso em: 19 ago. 2024.



Como já mencionado, os meios de comunicação judaicos foram censurados durante o Terceiro Reich. Periódicos que não condiziam com os valores nazistas foram obrigados a fechar suas portas à medida que o Partido ganhava poder. Nesse período, surgiu o único jornal judaico autorizado a circular no país: o *Jüdisches Nachrichtenblatt*. Publicado em Berlim pela Alemanha Nazista, o “boletim judeu” (tradução nossa) era fiscalizado rigorosamente pelas autoridades, e apenas assuntos considerados “aceitáveis” pelo governo podiam ser divulgados. O jornal publicava as leis nazistas que restringiam o cotidiano de judeus e algumas informações sobre as organizações que ainda funcionavam, além de temas como educação e teatro²¹. O *Jüdisches Nachrichtenblatt* pode ser considerado uma tentativa da população judaica resistir às restrições nazistas, mantendo aparência de ordem e continuidade cotidiana.

Figura 15. Frente da primeira edição do *Jüdisches Nachrichtenblatt*, de 23 de novembro de 1938



Fonte: *Leo Baeck Institute Library Periodical*²²

Durante a vigência do Terceiro Reich, muitas famílias judias viram-se obrigadas a deixar suas casas e buscar refúgio em outros países, fora do território nazista. Porém, a prática centenária de produção de periódicos não foi abandonada no exílio. Cerca de 450 periódicos foram publicados fora da Alemanha Nazista²³. Na Argentina, o jornal *Das Andere*

²¹ Mais informações em: <https://www.lbi.org/de/collections/periodicals/history-periodicals-collection/>. Acesso em: 19 ago. 2024.

²² Disponível em: <https://archive.org/details/jdischesnachricht19unse/mode/2up?view=theater>. Acesso em: 14 mar. 2024.

²³ Mais informações em: https://www.dnb.de/DE/Sammlungen/DEA/Exilpresse/exilpresse_node.html. Acesso em: 19 ago. 2024.



*Deutschland*²⁴ (“A Outra Alemanha”) foi fundado em 1938 em Buenos Aires, pelo escritor exilado e co-fundador do Sozialistische Arbeiterpartei Deutschlands (“Partido dos Trabalhadores Socialistas da Alemanha”), August Siemsen. Cada edição mensal do jornal criou um fórum para lutar contra o nazismo na Alemanha e sua crescente disseminação na América Latina. A criação do DAD influenciou o surgimento de organizações similares em outros países latino-americanos, como o Uruguai. O *Das Andere Deutschland* se intitulava o órgão dos alemães anti-hitleristas da América Latina.

Figura 16. Frente de uma edição do *Das Andere Deutschland*, datada de 01 de novembro de 1941



Fonte: *Deutsches Zeitungsportal*²⁵

Todos os jornais, cartas, diários e *tarnschriften* elencados neste artigo são apenas uma parte de toda a produção impressa de resistência ao nazismo. Embora o Terceiro Reich tenha ocasionado a morte de milhões, ressaltar a importância dos escritos e meios clandestinos de informação é fundamental para assegurar a memória dos sobreviventes e daqueles que não tiveram o mesmo destino. Cada documento, produzido individual ou coletivamente, desempenha um papel crucial na resistência à disseminação nazista, ao contornar a censura e expor outra perspectiva da história.

²⁴ Mais informações em: https://search.cjh.org/primo-explore/fulldisplay?docid=CJH_ALEPH005528019&vid=beta&search_scope=CJH_SCOPE&tab=default_tab&lang=en_US&context=L. Acesso em: 19 mar. 2024.

²⁵ Disponível em: <https://www.deutsche-digitale-bibliothek.de/newspaper/item/QMQR2ZWZVBXRG62UXCPKD7OF6ZXT2GG3?issuepage=1>. Acesso em: 19 mar. 2024.



Considerações finais

O artigo procurou mostrar que, no período histórico analisado, os meios de comunicação nazistas foram fundamentais para a difusão da informação do Terceiro Reich e a disseminação da ideologia. A mídia impressa nazista, como os jornais, logo se tornaram um dos principais intermediadores entre o Partido e as massas. Como analisado, eram através dos periódicos nazistas que a população recebia informações sobre as vitórias das tropas alemãs e tinha acesso a um conteúdo carregado de incitação ao ódio às minorias. Além disso, como visto, parte da população também utilizava o jornal como um canal de denúncia de possíveis infratores do regime.

A análise realizada também expõe que o Partido fez uso de panfletos e cartazes para expandir os valores nazistas por outros veículos. Papeis menosprezando os chamados inimigos da nação e cartazes persuadindo o povo alemão a lutar pela pátria eram alguns dos meios propagandísticos utilizados durante o regime. Além disso, como analisado no decorrer do artigo, o NSDAP também utilizou revistas para valorizar princípios considerados corretos para o nazismo, como a reprodução da “raça ariana”. Dessa forma, é possível afirmar que o Partido Nazista conseguiu apropriar-se de um dos mais tradicionais meios de comunicação para criar um aparato informativo e propagandístico capaz de difundir a cosmovisão do nazismo para uma parcela considerável da população da época.

Entretanto, a análise da mídia impressa e de outros meios escritos desenvolvidos pela resistência anti-nazista também mostrou a importância de buscar compreender um lado da história que, infelizmente, ainda não foi devidamente estudado pela academia. Como exposto no artigo, os *tarnschriften* foram uma tentativa de disseminar as atrocidades do nazismo pela Europa, transmitir outras visões de mundo e motivar indivíduos a lutar contra o regime. Os diários e as cartas escritas por pessoas perseguidas pelo nazismo também são atos de resistência, visto que reafirmar a própria existência através da escrita é, indubitavelmente, resistir.

Os periódicos judaicos presentes durante o regime e analisados no trabalho mostram uma tentativa de manter um hábito do cotidiano e conservar uma vida intelectual. Mesmo que alguns desses jornais estivessem sob supervisão do Partido, é adequado afirmar que eles foram importantes para um sentimento de coletividade e para uma sensação, mesmo que mínima, de



existência. Seja pelos jornais de dentro da Alemanha ou em exílios, a manutenção de uma mídia impressa judaica reforça a tentativa de resistência de um dos grupos mais oprimidos pelo regime.

Este artigo contribui para futuros estudos na área da história da comunicação, em especial para a produção científica que olha para as estratégias de resistência através dos meios. Ao longo da produção, foi percebida a escassez de materiais relacionados à temática. Por isso, é importante enfatizar que, ao trazer histórias de resistência, reafirma-se o compromisso de preservar os princípios da vida e do ato de existir contra qualquer opressão. As lições transmitidas pela resistência anti-nazista continuam a ressoar, e lembram a todos que, diante das maiores adversidades e ameaças à liberdade, a busca pela verdade e justiça são causas dignas que transcendem o tempo.

Referências

- CYTRYNOWICZ, Roney. **Memória da Barbárie**. São Paulo: Edusp / Nova Stella, 1990.
- DIEHL, Paula. **Propaganda e Persuasão na Alemanha Nazista**. São Paulo: Annablume, 1996.
- GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- GOLIN, Cida; ABREU, João Batista de (org.). **Batalha sonora: o rádio e a Segunda Guerra Mundial**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- LIEBEL, Vinícius. **Humor, Propaganda e Persuasão: as charges e seu lugar na propaganda nazista**. Tese (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná. Paraná, 2006.
- PEREIRA, Wagner Pinheiro. O poder das imagens: cinema e propaganda política nos governos de Hitler e Roosevelt (1933-1945). *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 23., 2005, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: ANPUH, 2005.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- SNYDER, Louis L. **Encyclopedia of the Third Reich**. Londres: Cassell Illustrated, 1989.